

“Ameaça lavanda”. É assim que a presidente da Organização Nacional para Mulheres, Betty Friedan, chamou o “perigo” das lésbicas para o recém-formado movimento feminista da segunda-onda em 1969. Friedan, reforçada por outras líderes feministas heterossexuais, acreditava que as lésbicas *butchs* danificariam a imagem do feminismo radical com suas aparências “masculinizadas” e comportamento de “ódio aos homens”.

Depois de 44 anos a tropa de lésbicas que odeiam homens está de volta com a vingança. Feministas liberais heterossexuais não podem distanciar a si mesmas longe o suficiente das lésbicas e suas questões. Como elas moderam seu próprio feminismo para acomodar homens e abraçam a integração, está-OK-feminismo-garotos-nós-amamos-vocês, elas também argumentam contra uma verdade essencial do feminismo que é para e sobre mulheres.

Para que isso não me faça soar como a assustadora ogra que odeia homens que eu, atualmente, nunca encontrei na vida real mas que as feministas heterossexuais e os homens têm falado sobre desde antes do ataque de pânico da Friedan sobre a ameaça lavanda, deixe-me explicar: O feminismo é um movimento para empoderar e igualar as mulheres na sociedade. Todas as mulheres, em todos os lugares.

Inversamente, a lesbofobia é um movimento para silenciar lésbicas em todos os lugares, em dose dupla para as lésbicas, com sexismo e homofobia, nos desafiam a contestar esse apagamento de quem e o que nós somos. Essa lesbofobia não vem apenas de homens. Isso vem de muitas mulheres que deviam ser nossas apoiadoras leais, minando as lésbicas na busca delas por igualdade.

Feministas liberais heterossexuais têm investido tanto em remarcar o feminismo liberal heterossexual para se encaixar em um sistema político binário (Democratas bons para as mulheres; Republicanos ruins para as mulheres) e papéis binários de sexualidade (nós *amamos* homens; lésbicas *odeiam* homens) que elas perderam completamente a visão de qual é o suposto objetivo do feminismo: arrebatar o mundo do controle mortal do patriarcado e dividir os despojos igualmente entre todos, independentemente de gênero.

Feministas liberais heterossexuais também atolaram na política de um só tema para a exclusão de todo o resto – especialmente as lésbicas. Direito de aborto parece ser o único tema que as feministas liberais podem possuir e apoiar, ainda que o feminismo seja sobre preservar as mulheres de serem apagadas do planeta através do feminicídio, aborto sexo-seletivo e assassinato de lésbicas.

Malala Yousafzai, a jovem do Paquistão que o Taliban atirou na cabeça em Outubro de 2012 em um ataque assassino para impedir ela de defender a educação de garotas, falou nas Nações Unidas no último mês em seu aniversário de 16 anos. Malala parecia saber muito mais sobre feminismo e qual objetivo que é/devia ser do que a maioria das feministas heterossexuais, brancas e da classe média que postam em blogs pela internet em 2013. Ao mesmo tempo que Malala estava falando com urgência sobre uma necessidade de reformas feministas radicais em todo o mundo para salvar as vidas de garotas como ela, Amanda Marcotte estava escrevendo no Slate que não havia necessidade para o feminismo radical, e que era assim de qualquer forma, huh, e as lésbicas que adotaram isso deviam superar a si mesmas.

Uma feminista liberal heterossexual do Reino Unido, Caroline Criado-Perez, criou um furor quando ela se apavorou sobre ter ameaças de estupro e morte no Twitter. Tais ameaças, horríveis como elas eram, eram apenas notícia porque Criado-Perez é uma conhecida feminista liberal heterossexual expondo visões feministas centrais. BBC e Raio 5 foram rapidamente colocar ela e muitas outras conhecidas feministas liberais heterossexuais no ar para discutir essa “nova” ameaça.

Isso não é novo para as lésbicas. As lésbicas têm recebido essas ameaças no Twitter diariamente sem repercussões contra os autores pelo Twitter e sem matiz e choro de nossas irmãs feministas. Nós temos sido deixadas para suplicar que essas ameaças não se transformem em reais, como para mim e outras lésbicas.

A noite do veredito no julgamento de George Zimmerman eu recebi ameaças de estupro (“estupraria você buceta suja feminista”) e ameaças de morte (“talvez você devesse morrer como Trayvon”) no Twitter como eu tuitei por muitas horas sobre o racismo da sentença e minha crença de que a justiça não foi feita.

Um particularmente repugnante tuitou para eu ler:

“Bem, a coisa é que eu aposto que se você viesse para o Harlem ou para o leste de St Louis, você acabaria morta em uma poça de sêmen de negros #averdadeédura”

Eu retuitei essas ameaças. Eu escrevi sobre as ameaças no SheWired nos dias depois do veredito. Ninguém parecia especialmente surpreso pelas ameaças que recebi. O Twitter não suspendeu nenhum dos homens que tuitaram pra mim, incluindo o autor da ameaça acima. A BBC não me ligou, nem a Radio 5. E nem mesmo contando, nenhuma feminista liberal heterossexual disse uma palavra. As muitas mulheres que estavam em pé de guerra com as ameaças terríveis a Criado-Perez, consistentemente deram de ombros às mesmas ameaças quando feitas às lésbicas. Por quê?

A cultura de apagamento lésbico que floresceu nos últimos anos se tornou profunda e perturbadoramente arraigada no feminismo liberal heterossexual. Lésbicas se tornaram politicamente um anátema. Esperam que nós apoiemos o movimento do direito ao aborto, mas não há reciprocidade. Ninguém se perturba com o termo “direito de reprodução” acham que isso se aplica para fazer inseminação alternativa acessível para todas as lésbicas.

Questões de direitos lésbicos são muitas, mas eu já tive que ver uma feminista liberal heterossexual discursar essas questões como se fosse dela própria. Quando eu escrevi sobre o “estupro corretivo” anti-lésbica para *The Advocate*, a resposta das feministas liberais heterossexuais foi entoar: *cri cri*.

Discriminação no trabalho é uma questão fundamental para as lésbicas. Onde a feminista heterossexual se indigna por lésbicas serem demitidas por serem gays, ou por lésbicas que não passam como heterossexuais serem inaptas a conseguir emprego? Onde está o discurso sobre as lésbicas terem a visita negada com seus filhos? Onde está a preocupação com as lésbicas serem barradas de ver suas parceiras em hospitais ou asilos? E sobre a epidemia de câncer nas lésbicas ou a inabilidade das lésbicas para acessar assistência médica não homofóbica? E sobre

lésbicas e pobreza? E lésbicas que têm sido estupradas, como eu escrevi sobre aqui no último mês? E sobre nós?

Há inumeráveis ameaças globais às lésbicas: “estupro corretivo” na África do Sul, lésbicas assassinadas por serem gays na Jamaica, “mortes de honra” de lésbicas por todo o Oriente Médio, lésbicas no tráfico sexual do bloco de Leste, lésbicas casadas à força na Índia e no Paquistão.

Se as feministas liberais heterossexuais não querem desafiar as questões econômicas e sociais e as questões globais, talvez elas possam aderir à deturpação de lésbicas na cultura popular. O comediante/ator Russel Brand disse mês passado que todas lésbicas querem “pular a cerca”. Talvez ele tomou a canção “I Kissed a Girl” de sua ex-esposa Katy Perry muito literalmente. Ainda que esse seja a imagem das lésbicas na cultura popular: “lésbicas” e “bissexuais” são confundidas, e homens são inseridos no equilíbrio do romance lésbico. Um filme como o de 2010 *The Kids Are All Right* fez a personagem de Julianne Moore engajada em não parar o sexo heterossexual durante todo o filme. No atual sucesso da Netflix *Orange Is the New Black*, a protagonista é uma “ex lésbica”. Quando lésbicas aparecem na TV, elas têm uma mesma similaridade: bonitas, “bi-curiosas” mulheres que terminam juntas, ou lésbicas solteiras que têm como melhores amigas mulheres heterossexuais. Do outro lado temos comediantes de tarde da noite que se referem a lésbicas não atraentes e masculinizadas em camisas de flanela.

Além dessas questões *hardcores* de vida ou morte e apagamentos nos meios populares, em nossas vidas lésbicas diariamente encontramos ameaças contínuas. Lésbicas de aparência *femme* como eu constantemente escutam que elas “não parecem lésbicas”, ou que elas deviam encontrar um homem “verdadeiro”. Lésbicas *butchs* escutam que elas devem parar de tentar ser homem. Casais lésbicos são assediados. Lésbicas jovens escutam que estão apenas passando por uma fase e precisam encontrar o homem certo. Lésbicas são miras para discriminação, assédio sexual e violência. Lésbicas têm menos dinheiro e menos privilégios do que têm as mulheres heterossexuais. Nós temos menos acesso a tudo que nossas irmãs heterossexuais têm – exceto à violência.

Lésbicas estavam na vanguarda da primeira e segunda onda do feminismo. Lésbicas estavam consistentemente nos estandartes por feminismo quando isso foi feito heterossexual, feministas liberais se contorceram e se incomodaram em torno de seus homens. Lésbicas nunca possuíram a frase “Eu sou uma feminista, mas...”

Lésbicas estão em perigo. Se feministas heterossexuais podem se reunir umas pelas outras, por que não podemos fazer o mesmo pelas lésbicas? Feministas heterossexuais precisam se perguntar por que, 44 anos depois que Betty Friedan declarou guerra com a “ameaça lavanda”, este é o único princípio da segunda onda do feminismo que feministas heterossexuais parecem determinadas a defender?